

Brian Parker, Annette Saddik, Nancy Tischler e outros desse grupo maravilhoso e colaborativo partilharam, formal e informalmente, seu profundo conhecimento conosco, durante vários anos. Michael Paller nos cedeu generosamente o manuscrito de sua monografia sobre Williams e sexualidade, que ainda não foi publicada, e juntamente com Annette Saddik levou a evitar certos constrangimentos devido às suas oportunas correções. Somos especialmente gratos a Nancy Tischler e Al Devlin pela organização do livro *Selected Letters* [Cartas Seleccionadas], cujo trabalho foi quase tão importante para nós quanto o de Lyle Leverich, biografia do jovem Williams, *Tom: The Unknown Tennessee Williams* [Tom: O Desconhecido Tennessee Williams], que, com toda certeza, permanecerá indispensável a futuros estudiosos e críticos do autor.

Por sua assistência a questões relacionadas com Williams, fossem elas pequenas ou grandes, nossos agradecimentos a Michael Kahn, Lee Hoiby e Jeremy Lawrence; Michael Wilson e Chris Baker da Hartford Stage Company; Steven Mazzola, PJ Papparelli, Jef Hall-Falvain e Liza Holtmeyer do Shakespeare Theatre; Elizabeth Barron, Paul J. Willis e Arin Black do Tennessee Williams/Festival Literário de Nova Orleans; Michael Bush e Lisa Dozier do Clube de Teatro de Manhattan; e numa nota mais pessoal, David e Lu Ann Landon, Arnold Rampersad, Mike Keekey, Christine P. Horn e Francesca McCaffery. A Pamela Beatrice, Joan e Yannis Moschovakis, e Anna Moschovakis, muito amor e gratidão.

Sobretudo, quase tudo que fizemos como devíamos nesta antologia se deve a Allean Hale – a sua cultura, a seu olhar lúcido e sua memória, a seu insuperável conhecimento sobre Williams e a sua generosa disponibilidade de tempo. Desnecessário dizer que todas as incorreções são de nossa inteira responsabilidade.



ESTAS SÃO AS ESCADAS  
QUE VOCÊ TEM QUE VIGIAR

Tradução

Gisele Freire

Kadi Moreno

Isabella Lemos

Rita Giovanna

\*\*\*\*\*

*Estas São as Escadas que Você Tem que Vigiar* estreou no Shakespeare Theatre em 22 de abril de 2004, no Kennedy Center em Washington D. C. Foi dirigida por Michael Kahn, teve cenário de Andrew Jackness, figurinos de Catherine Zuber, iluminação de Howell Binkley, sonografia de Martin Desjardins e trilha sonora original de Adam Wernick. O elenco, em ordem de aparição, foi o seguinte:

CARL, o lanterninha do cinema	Thomas Jay Ryan
GAROTO, um lanterninha recém-contratado	Hunter Gilmore
GLADYS, uma garota	Carrie Specksgoor
HOMEM, um antigo cliente	Brian McMonagle
MULHER, uma amiga de Gladys	Janet Patton
MR. KROGER, o gerente do cinema	John Joseph Gallagher
BILHETEIRA	Joan van Ark
UM POLICIAL	Myk Watford

\* A peça pode ser feita com até três policiais.

\*\*\*\*\*

*A entrada do Joy Rio, um cinema de terceira categoria que já foi um suntuoso teatro de ópera em uma cidade grande de um dos estados que costeia o Golfo do México.<sup>1</sup> Em um ou dois anos, as autoridades condenarão o prédio e ele será demolido ou talvez restaurado como um marco histórico; neste momento, esquecido e malcuidado, suas glórias históricas são vagamente sugeridas por um vermelho adamascado encardido, descascado e enegrecido, e também pela ninfa lasciva em barroco dourado ao pé da suntuosa escada de mármore. Esse cenário é meramente sugerido, pois a área iluminada é muito pequena. Essa área inclui a ninfa, os degraus de baixo da escada de mármore e uma porta escrita "damas" – e, claro, uma porta para a área externa onde fica a bilheteria.*

*De vez em quando, ouvimos ao fundo a trilha sonora do filme que está sendo exibido. Quando um espectador entra, sua sombra, grotescamente alongada, é projetada à sua frente sobre o velho carpete, pois lá fora a luz diurna está brilhando intensamente.*

*Quando a cortina sobe, um estudante de dezesseis anos, que foi contratado para o período de férias de verão, está sendo instruído por um funcionário antigo do estabelecimento, um homem de trinta anos chamado Carl. O novato veste uma jaqueta branca encardida e uma calça azul-celeste justa, e transpira mais pelo nervosismo do que pelo calor sufocante da tarde de agosto.*

\*\*\*

<sup>1</sup> *American gulf-coast* (estados da costa do Golfo dos Estados Unidos): Os estados cujas costas são no Golfo do México: Alabama, Flórida, Louisiana, Mississipi e Texas. (N. T.)

CARL (*indolentemente aponta sua lanterna para a escada separada por uma corda de isolamento*): Estas são as escadas que você tem que vigiar.

GAROTO: Pra quê?

CARL: Aqui é um velho teatro de ópera. Você sabe disso, não sabe?! As escadas dão pra três galerias. Não sei, talvez quatro. Nunca contei. Uma brisa derrubaria as galerias e os camarotes superiores, filas de camarotes por toda volta, da direita à esquerda do palco. Eu subi elas<sup>2</sup> uma vez, só uma vez, o dia em que comecei a trabalhar aqui. O cara de antes me mostrou, assim como eu estou te mostrando, só que naquela época não era proibido subir esses degraus, e agora é, você tem que se lembrar disso. Se alguém se esgueirar por você, subir lá e o Kroger descobrir, você não só perde o seu emprego aqui, mas, se alguma coisa acontecer lá em cima, naquele chiqueiro caindo aos pedaços, eles vão te responsabilizar por isso e... O que foi, Gladys?!

(*Essa pergunta abrupta é direcionada a uma mocinha, Gladys, que entrou no teatro e está perambulando ao pé da escada.*)

GLADYS (*com frieza*): Estou esperando minha amiga, mas isso não é da sua conta.

CARL: É da minha conta sim, se continuar circulando por aqui.

<sup>2</sup> O erro gramatical foi mantido propositalmente para fazer uma correspondência com o texto de partida que também propõe um erro na fala do personagem. A utilização desse recurso foi mantida em outros momentos do texto. (N. T.)

GLADYS: Olha quem fala. Por que você não arruma um emprego de gente grande, meu bem?

CARL (*apontando a lanterna na sua figura precoce*): Olha. Você veio aqui para ver o filme? Se foi, volta pro seu lugar. Se não, vai pra casa, ou vai ver se eu estou na esquina.

GLADYS: Eu te odeio.

CARL: Ah, como eu sofro.

GLADYS: Aposto, aposto que você sofre. Você sofre como um peixe, um linguado, seu linguarudo, seu cara de linguado linguarudo! Se a minha amiga chegar, moleque, vou estar sentada nas primeiras fileiras, ela vai me achar...

(*Essa última é dirigida com altivez ao novo lanterninha enquanto Gladys caminha pela área iluminada e adentra o corredor da plateia. A porta vaivém abre e algumas frases do diálogo do filme vazam com clareza.*)

DIÁLOGO DO FILME: – *Levanta da cama.*

– *Estou doente!*

– *Eu disse levanta.*

(*Um tapa e um grito são ouvidos. O novo lanterninha tem um sobressalto. Carl ri com enfado e puxa o cós das calças. A porta fecha de novo e a trilha sonora desvanece em murmúrios indistintos.*)

CARL: Aquela Joan Bennett é uma atrizinha danada, e você sabia que ela é avó? Eu queria ter uma avó assim. Todo mundo devia ter uma avó assim. Você já viu esse filme?

*(O novo rapaz balança a cabeça olhando fixamente para a tela através do vidro oval da porta.)*

CARL: Quero que você veja uma cena nesse filme que a Joan Benet está comendo um pedaço de aipo e me diga o que achou. *(De repente.)* Ei! *(Aponta sua lanterninha para o vulto de um homem que está passando por baixo da corda de veludo da escada.)* Aonde você pensa que vai?

HOMEM: Estou procurando o banheiro dos homens.

CARL: Você sabe que não é lá em cima.

HOMEM: Por que eles não deixam este lugar iluminado para que a gente possa ver aonde está indo? *(Afasta-se.)*

CARL: Vê o que eu digo sobre esta escada velha? Você precisa vigiar esta escada como um falcão, "principalmente a esta hora do dia".

GAROTO: É?

CARL *(levanta-se na frente dele)*: Quantos anos você tem?

GAROTO: De... dezessete!

CARL: Você não tem dezessete. Você ainda nem faz a barba.

*(Toca o queixo dele.)*

GAROTO: O anúncio dizia "garoto de dezessete, ou mais, que pudesse trabalhar à tarde".

CARL: Você tem uns quinze, não tem? Com quem você conversou? Kroger? Foi o velho Kroger que te contratou? É. Aposto que

foi ele, aquele velho sujo, ele é uma "fruta".<sup>3</sup> Sabe o que quer dizer fruta?

GAROTO: Fruta?

CARL: Não falo de maçãs e pêssegos. Olha. Olha. Você não precisa tanto de um emprego pra ter que trabalhar aqui. Aqui é um lugar sujo chefiado por um homem sujo, nem gostaria de te contar as coisas que acontecem nesse lugar e que vou ter que te contar se vier trabalhar aqui. Não trabalhe aqui. Arranja um emprego ao ar livre ou numa farmácia. Eu diria isso à sua mãe, se conhecesse ela, ou ao seu velho, porque eu também sou pai. É por isso que me demiti. Criei raízes aqui, e para um homem adulto é uma desgraça ficar preso trabalhando como lanterninha de cinema. Tenho 28 anos, trabalho aqui há dez e ganho dez dólares a mais do que quando comecei. Agora tenho mulher e um bebê de três meses e o padre diz pra minha mulher que evitar filhos é pecado. *(Tudo isso é dito com uma voz extremamente cansada, as palavras mal têm forças para sair dos lábios flácidos.)* Essa é a cena do restaurante de que eu falei. Olha. *(Ele adianta-se e abre parcialmente a porta vaivém que dá para a plateia.)*

DIÁLOGO DO FILME: – *Um canapé, querida?*

– *Não, obrigada.*

– *Pega um pedaço de aipo. Tem vitamina B, faz bem aos nervos.*

<sup>3</sup> Termo pejorativo usado nos anos 1950 para designar um homem afeminado. (N. T.)

CARL: Ai! Olha este *close*!

GAROTO: Não estou vendo...

CARL: Olha, olha. Olha isso.

*(Uma adolescente entra com um saco gorduroso de pipoca. Ela encara por um momento as duas figuras na porta vai-vém. Então logo tira os chinelos e, rápido como a sombra, sobe as escadas de mármore com os sapatos em uma das mãos. Carl vira-se com indolência.)*

CARL: Era alguém?

GAROTO: O quê?

CARL: Alguém entrou, não entrou?

GAROTO: Eu n-não vi.

CARL: Como esta pipoca veio parar aqui?

*(Aponta a lanterna sobre as pipocas caídas no chão junto à escada.)*

CARL: Não tinha pipoca aqui antes. Alguém entrou. Olha. Tem pipoca na escada! *(Chama.)* Ei, Ei, aí em cima!

*(O gerente Kroger entra da rua. Ele é um homem corpulento e com uma decadência tão evidente como a do próprio prédio velho.)*

KROGER: Qual é o problema? Alguém subiu as escadas?

CARL: Não, senhor.

KROGER: Então por que está gritando lá pra cima? Acham que eu pago vocês pra quê, pra ficar vendo a fita?<sup>4</sup> Acham que foram empregados pra isso? Os dois aqui, desfrutando o filme, enquanto quem quiser se esgueira por baixo da corda e deixa o lugar malfalado? Você aí menino, ô novato. O que foi que eu disse sobre estas escadas? Eu não disse que você tem que vigiar estas escadas?

CARL *(mal-humorado)*: Ninguém subiu essas escadas, Mr. Kroger, enquanto eu estava aqui.

KROGER *(para o garoto)*: Você viu alguém se esgueirar debaixo dessa corda?

GAROTO: N-não, senhor...

CARL: O que eu vi foram umas pipocas nos degraus.

KROGER: Sherlock Holmes, hã? Tem certeza, Mr. Sherlock Holmes? Se há pipoca nos degraus, não brotaram ali, não é?

CARL: Não sou responsável pelo que tem nos degraus de um lugar sujo e velho como este. Se a gerência não tem decência suficiente pra manter a casa limpa, não dou a mínima pro que tem nesses degraus sujos, sorvete ou banana, pra mim tanto faz. Vi pipoca nos degraus. Foi só o que vi.

KROGER: E você estava gritando com as pipocas? Você acha que pipocas vão contestar? Menino, como é que isso veio parar aqui?

<sup>4</sup> O termo usado no original é "pitcher" e representa a forma como o personagem pronuncia a palavra "picture", que é "filme". Optou-se por usar a palavra "fita", denominação popular antiga para "filme". (N. T.)

CARL: Ele sabe tanto quanto eu como isso foi parar aí. Escuta aqui, Mr. Kroger.

KROGER: "Escuta aqui", não. Seu moleque! Jamais diga isso pra mim.

CARL: Eu falo "Escuta aqui" pro senhor e pra quem eu quiser.

KROGER: Quem você pensa que é pra falar assim comigo no meu próprio cinema?

CARL: Seu próprio cinema, seu velho saco de banha, pois faça bom proveito. Eu me demiti, me demiti de manhã, já esqueceu? Depois de dez anos nesta pocilga fedorenta e sebosa, eu entrego minha demissão porque eu chego aqui limpo e saio sujo. A sujeira não é minha, mas deste lugar imundo, e se eu abrisse a boca – se abrisse a boca, Mr. Kroger! – Sabe o que poderia fazer com este lugar? Eu poderia fechar este lugar num piscar de olhos. Fácil, fácil, bastava eu abrir a boca sobre a metade do que eu sei sobre o que este...

KROGER (*para o garoto*): Menino! Menino, vá lá fora e chama um policial!

CARL: É, é, isso mesmo, faça isso, eu adoraria que você fizesse isso!

KROGER: Não vou tolerar uma impertinência dessas de um retardado!

CARL: Ah, sua tia velha e baiaca! (*Ele arranca sua jaqueta engalada e encardida e joga com violência na cara de Mr. Kroger.*) Ouviu o que eu disse? Tia velha, sua tia velha, gorda e fedida. (*Um ou dois espectadores são atraídos pela confusão*

*na área iluminada. Uma mulher franzina com uns cinquenta anos, a bilheteira, entra pela porta muito exaltada.*)

BILHETEIRA: Mr. Kroger, Mr. Kroger, o que foi? Você estava desacatando Mr. Kroger?

*(Isto é dito para o garoto, que sacode a cabeça em pânico.)*

CARL: Fui eu que desacatei Mr. Kroger, fui eu, eu, eu! Desperdicei dez anos da minha juventude dando meu suor neste antro horroroso de sujeira e corrupção! E agora vou pra casa lavar essa sujeira! Ouviu? Lavar essa sujeira, e também não vou esquecer o que aconteceu aqui dez anos atrás quando arranjei este emprego sujo! Já esqueceu o que aconteceu há dez anos quando arranjei este emprego sujo, Kroger?

*(Kroger recua sem palavras, para a porta de saída.)*

BILHETEIRA: Carl, como se atreve a falar assim com o Mr. Kroger! Não entendo como você se atreve a falar assim com o Mr. Kroger, depois de tudo que ele aturou de você! Você chegava bêbado, e durante o seu turno deixava as meninas subirem com homens atrás delas feito bodes velhos. Juro por Deus, não sei como teve o descaro de levantar a voz para um pobre velho como Mr. Kroger, e fazer um escarcéu desses. Meninos, voltem para os lugares, não tem nada pra ver aqui, voltem pro filme, vocês aí, meninos.

*(Os meninos voltam pelo corredor da plateia. Mr. Kroger sai para a rua, mas sua voz forte e desafortada pode ser ouvida convocando a polícia.)*

CARL: Espero que ele chame a polícia, espero mesmo que ele chame a polícia aqui nesta pocilga fedorenta. Se tivesse um guarda lá fora ele não ia gritar. Pode ter certeza, se tivesse um guarda naquela esquina ele não ia dar nem um peido. *(Arranca a faixa da cintura, a parte da frente falsa da camisa e a gravata-borboleta de elástico, joga tudo no chão, empilha e chuta.)*

BILHETEIRA *(soluçando)*: Nunca vi alguém agir assim antes na minha vida, Carl Meagre, e nunca ouvi um linguajar assim em lugar algum antes na minha vida. E se você se atrever a abrir a boca pra falar do Mr. Kroger, que está doente, com câncer, e você sabe muito bem disso, eu vou abrir o bico sobre o que eu sei de você e da sua conduta com certas meninas que vêm aqui.

CARL: Fala, seu maracujá de gaveta. Pega esses trapos e taca fogo. Taca fogo em tudo. Cheguei aqui limpo e saio sujo, depois de dez anos!

*(Carl abaixa a calça azul-celeste suja, chuta pra longe e fica de cueca diante da mulher. A bilheteira grita e corre para fora ao encontro da claridade ofuscante. Ele chuta a calça azul-celeste, derruba a corda de veludo e sobe para o vestiário dos funcionários. Depois de um tempo, o menino coloca a corda de veludo no lugar. Um pouco depois, um carro de polícia é ouvido do lado de fora subindo no meio-fio. Ao mesmo tempo, Gladys sai da plateia e, curiosa e provocante, encara o menino, que enrubesce e se desvia do seu olhar.)*

GLADYS: Você viu minha amiga. *(Sem ponto de interrogação. As palavras são ditas como se não tivessem sentido.)*

GAROTO: Não.

GLADYS: Ela não entrou. Ela está com uma blusa branca de seda e uns brincões dourados. Ela saiu para comprar pipoca e não voltou.

GAROTO: Não.

GLADYS: Minha amiga é louca por rapazes.

*(O menino balança a cabeça espasmodicamente. Suas mãos entram e saem dos bolsos espasmodicamente.)*

GLADYS: Ela tem quatorze anos. Não acho bom ser louca por rapazes tão nova assim. Qual sua idade?

GAROTO: De-dezesseis!

GLADYS: A gente é da mesma idade, mas você é louro e eu sou morena. Tipos opostos! – Estou cheia desse filme. Joan Bennet. Você vê os filmes?

GAROTO: Não. Não, eu trabalho aqui.

*(Gladys ri com enfado. Uma mulher entra correndo, animada.)*

BILHETEIRA: Mr. Kroger, Mr. Kroger, Mr. Kroger!

GLADYS: O quê?

BILHETEIRA *(para o menino)*: Cadê Mr. Kroger, no escritório?

GAROTO: Eu, eu não sei!

BILHETEIRA: Olha lá! Tem fumaça saindo da janela de cima!

*(Ela volta correndo e gritando pelo Mr. Kroger.)*

GLADYS: Sei uma coisa dessa mulher, que é melhor não falar, mas ela teve a coragem de dizer que eu não devia ver este filme porque sou muito nova. Você conhece este lugar? A garotada pode se divertir muito aqui, mas tem que tomar cuidado. Tem que tomar cuidado. Mas se você for rápido – e cuidado-oso – você pode se divertir muito aqui. Você pode se divertir aqui, basta saber como.

*(As portas vaivém abrem. Ouve-se a trilha sonora e a voz da atriz.)*

DIÁLOGO DO FILME: – *Você ficou muito, muito tempo fora, eu fiquei muito sozinha, e eu não queria isso. Mas eu estava desamparada. Foi mais forte do que eu. Foi mais forte do que ele. Nenhum de nós dois queria que acontecesse, mas aconteceu. Às vezes as coisas simplesmente acontecem. Entende o que eu quero dizer?*

GLADYS: Essa é Joan Bennett.<sup>5</sup> Ela está explicando uma coisa para o marido. Ele não acredita nela. Fingida! *(Ela sorri com uma fadiga indescritível.)*

*(Alguns policiais com ar resoluto entram acompanhados pela bilheteira, que fala baixinho num tom histérico.)*

BILHETEIRA: Se alguém falar “fogo” vai causar pânico!

*(A corda de veludo é levantada e eles sobem com lanternas. Gladys joga a cabeça para trás. Ela ri consigo própria, baixinho a princípio, depois em voz alta e tom grosseiro.)*

<sup>5</sup> Joan Bennett (1910-1990), atriz do cinema norte-americano, que teve seu auge na década de 1940. Famosa por papéis de mulheres fatais em filmes *noir*. (N. T.)

GAROTO: Está ri-rindo de quê?

GLADYS: Ela sempre entra em pânico com o que acontece aqui, e sabe por quê? Os meninos fazem tanta bagunça que tiram ela do sério! *(Anda até a ninfa dourada.)* Olha aquela moçanua! Gosta das curvas? Aposto que as minhas são melhores. Quadris largos saíram de moda como andar de charrete! Haa-ha-ha-ha-haa-... Com licença. Eu vou tomar um gole d'água. *(Ela entra pela porta escrita “Damas”).*

*(Os policiais descem com pedaços do uniforme do lanterninha meio queimados.)*

BILHETEIRA *(seguindo-os)*: Ele deve ser louco, é tudo que tenho a dizer, ele deve ser louco! Rasgou tudo bem aqui onde estou! E tacou fogo lá em cima. Estou preocupada com o Mr. Kroger. Ele teve hemorragia no intestino há apenas duas semanas por causa de uma doença maligna, e isso o deixou tão perturbado que é possível que ele tenha uma recaída...

*(Os policiais saem com metade dos panos queimados.)*

BILHETEIRA: Menino! Mr. Kroger veio aqui enquanto eu estava lá em cima?

GAROTO: Não, dona.

BILHETEIRA *(saindo)*: Ah, Mr. Kroger! Está tudo bem, Mr. Kroger! Agora está tudo bem, Mr. Kroger. Na verdade não foi um incêndio, foi só...

*(A porta vaivém fecha. Gladys volta do banheiro feminino. Ela está ao lado da porta e encara o novo lanterninha,*

*olhando-o detalhadamente de cima a baixo. Ele se desvia do ângulo de visão direto e constrangedor dela.)*

GAROTO: Q-que horas são? Parece que estou em pé aqui há uma eternidade.

*(A garota ri com uma enorme indolência.)*

GAROTO: Não gosto deste lugar. Vou me demitir deste emprego antes de ser despedido. Não gosto. Não gosto de lugar assim. Não suporto isso aqui. Não suportaria ficar aqui todas as tardes. Ficaria louco. As coisas acontecendo desse jeito. Meu pai me disse para aceitar este emprego, mas minha mãe me disse para não aceitar. Eu devia ter escutado ela, e não ele, mas ele está sempre reclamando que sou preguiçoso. Ele acha que sou preguiçoso porque nunca trabalhei durante as férias de verão antes. Mas eu trabalhei. Eu escrevi, e-eu escrevi poemas! E dois foram pu-publicados!

GLADYS: Conhece a música que diz "You're so Different from the Rest"?<sup>6</sup> É o meu número, é número oito na *jukebox* daquele lugar na esquina que a nossa turma vai à noite... Você vai acabar indo lá à noite se ficar aqui... *(A voz dela está quase inaudível de tão indolente.)*

*(Passos e vozes são ouvidos acima. Um policial desce as escadas segurando Carl firmemente pelo braço.)*

CARL (*grosseiro*): Nada melhor, nada melhor do que encontrar ele no tribunal! Deixa ele falar! Deixa ele dizer o que quer!

<sup>6</sup> Você é tão diferente dos outros. (N. T.)

E depois deixa eu falar também. Veremos quem tem a melhor versão sobre que tipo de lugar é este e o que acontece aqui dentro! *(Enquanto é conduzido para fora.)* Este lugar é do mal! Este lugar é cheio de coisa ruim!

*(O segundo policial aponta a lanterna momentaneamente para a ninfa dourada na base da escada de mármore. Todos saem, a não ser Gladys e o novo lanterninha.)*

GLADYS: Você já jogou verdade ou consequência?

GAROTO: Nã-não!

GLADYS: Eu joguei ontem à noite. Alguém diz "Peso, peso, pesando na sua cabeça. O que o dono vai fazer para recuperar?"<sup>7</sup> Era o meu melhor par de meias de náilon. E eu tive que responder à pergunta. Não posso repetir para você. Você ficaria chocado só de pensar que alguém pudesse me perguntar aquilo! Vê aquela pipoca? Significa que ela subiu! Vou achá-la! Quer

<sup>7</sup> No original este trecho contém passagens intraduzíveis, pois se refere a um jogo de adivinhações do tipo dos que são utilizados em festas infantis, por exemplo. O jogo, normalmente chamado de "Forfeits" (penhores, ao pé da letra), está sendo designado na peça pelo nome de "Truth or consequences", ao que tudo indica. As regras são as seguintes: cada pessoa coloca um pertence seu numa pilha. Uma pessoa é escolhida para ser o juiz, e outra para segurar um dos pertences acima da cabeça do juiz, sem que ele veja o que é. Enquanto o pertence é segurado acima da cabeça do juiz, a pessoa encarregada de segurar o pertence canta ou diz o refrão: "heavy, heavy, hangs over your head, what shall the owner do to redeem it?", ou seja, "pesado, pesado, está pendurado acima da sua cabeça, o que é que o dono vai fazer para resgatá-lo?". O juiz, sem olhar para cima a fim de ver de que pertence se trata, pede que a dona do pertence se disponha a fazer algum tipo de adivinhação (ou de acrobacia, em outras variantes desse jogo) a fim de reaver o seu objeto ou peça de roupa. (N. T.)

me seguir? Suba quando o filme recomeçar! *(Passa por baixo da corda de veludo, sobe correndo os degraus e desaparece de vista. Fora do campo de visão ela o chama num sussurro estridente.)* Suba quando o filme recomeçar!

*(O garoto concorda com a cabeça num espasmo. Depois de um momento ele vai rapidamente até os degraus e recoloca a corda de veludo no lugar. Então se recoloca rápido em sua posição formal. Ele permanece muito ereto e rígido, e a música do final do filme vai crescendo para um clímax espiritual. Com seus olhos azuis e brilhantes o rapaz olha para frente encantado. Com um movimento brusco ele limpa o suor da testa.)*

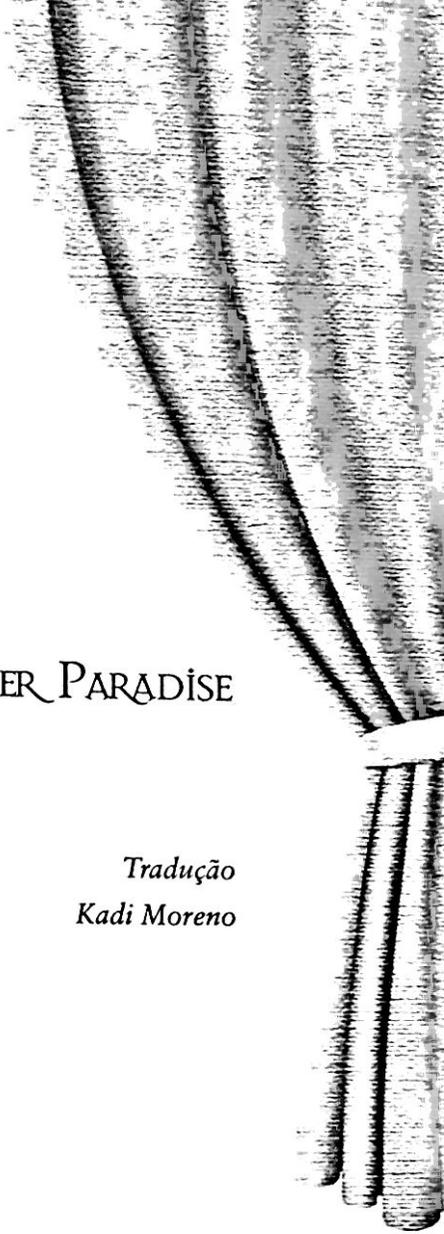
ALGUÉM ACIMA: Sssssssss! Sssssss!

*(Ele morde os lábios.)*

ALGUÉM ACIMA: Sssssssss! Sssssss!

*(Ele fecha os olhos por um momento. A luz começa a diminuir. Mas permanece mais tempo na ninfa dourada.)*

CORTINA



MISTER PARADISE

Tradução  
Kadi Moreno